

LINGUAGEM: SUPERANDO LIMITES E CRIANDO POSSIBILIDADES

Jane do Carmo Machado¹, doutoranda, Universidade Federal Fluminense
jane_machado@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo configura-se como uma breve reflexão em torno dos limites e das possibilidades de manutenção, ampliação e qualificação do patrimônio linguístico dos alunos na escola. Nesse sentido, é preciso pensar a escola como um espaço que privilegia o aumento desse patrimônio linguístico de forma organizada, planejada e com objetivos de desenvolvimento bem definidos. Para tanto, o professor surge como o sujeito experiente e capaz de fomentar práticas e atividades pedagógicas, usando estratégias, recursos e técnicas que viabilizam a aprendizagem e a apreensão dos conteúdos curriculares por meio da linguagem escrita e oral a partir de um processo que vai muito além da decodificação do código linguístico e chega à compreensão do que está sendo apresentado, bem como à construção de sentidos bastante pessoais e subjetivos. Para fundamentar tal abordagem e o tratamento dado à linguagem como importante instrumento de poder e emancipação social de alunos e de professores, utilizaram-se, especialmente, as contribuições de Kleiman, Lerner, Soares e Rangel.

Palavras-chave: linguagem, escola, limites, possibilidades.

Abstract

The article is a brief reflection on the limits and possibilities of maintenance, enlargement and qualification of students' linguistic patrimony at school. Thus, the school is considered as a context which privileges the expansion of this linguistic patrimony in an organized and planned way, with well defined goals to development. Therefore, the teacher is taken as an expert person who is able to promote pedagogical activities and practices, using strategies, means and technics which contribute to the learning and apprehension of curricular contents through a process that goes far beyond linguistic code decodification and reaches the comprehension of the content which is being presented, as well as the construction of private and subjective meaning. To base this approach and the focus given to "language" as the main tool of empowerment and social emancipation to students and teachers, the theoretical framework of this article is based on the contributions of Kleiman, Lerner, Soares and Rangel.

Key-words: language, school, limits, possibilities.

¹ Formada em Letras e mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Orientadora pedagógica em escola pública. Encontra-se licenciada da U.C.P -Centro de Teologia e Humanidades.

A Linguagem, escrita ou falada, está presente na vida dos sujeitos mesmo antes de eles nascerem, pois, já no ventre materno, segundo especialistas nessa área de conhecimento, o bebê interage com o mundo externo quando instigado por algum tipo de linguagem a ele direcionada. Assim, considerando que o sujeito vive em média, normalmente, em torno de 70 anos, ele deveria ter a linguagem como um patrimônio que vai sendo construído ao longo de sua vida e que passa, ou deveria passar, por um constante processo de aperfeiçoamento à medida que agrega a esse patrimônio outras posses. Nesse sentido, pensar na escola como um espaço que privilegia o aumento desse patrimônio linguístico de forma organizada, planejada e com objetivos de desenvolvimento bem definidos, é considerar que os sujeitos que por lá passam deveriam ter esse patrimônio não só bem cuidado, mas aumentado e aprimorado. Nessa perspectiva, quais seriam os limites e as possibilidades da escola para que esse patrimônio se expandisse?

A instituição escola segue uma rotina de trabalho diário que é comum a todas as escolas independentemente dos contextos onde estão inseridas. Entretanto, há concepções e representações que fazem parte do contexto escolar e que podem variar de unidade escolar para unidade escolar, que interferem no modo como encaminham as suas práticas pedagógicas, como orientam seus professores, como abordam as questões curriculares, como avaliam o desenvolvimento intelectual/acadêmico de seus alunos, como implementam seus projetos educacionais, como dialogam com a comunidade interna da escola – professores, alunos e funcionários - e externa à escola – pais, comunidade do entorno escolar, secretaria de educação -, enfim, no modo como constroem e implementam seu projeto político pedagógico.

Assim, dependendo das concepções e das representações que se acolhem como as que orientam o trabalho a ser desenvolvido, também a linguagem tem enfoques e *status* diferenciados nas unidades escolares. Que lugar, então, a linguagem pode ocupar no espaço escolar como uma potente ferramenta para o desenvolvimento do aluno? Seria ela um patrimônio que vem sofrendo degradações, reduções, ou se poderia dizer, transformações significativas? Há limites para a ampliação desse patrimônio linguístico na escola? Há outras

possibilidades de expansão desse patrimônio linguístico na escola quando se oportuniza a escolha de outros caminhos?

A linguagem possui um *status* social que atribui poder aos indivíduos que a dominam, pois, por meio dos recursos linguísticos disponíveis, tais pessoas adquirem uma maior capacidade de comunicação que, além de facilitar a inserção desses sujeitos em diversos contextos - já que conseguem se comunicar com maior clareza e destreza -, faz com que se destaquem frente aos outros sujeitos.

Na escola, a linguagem escrita acaba por se destacar e adquirir uma maior importância em relação à linguagem oral/falada. Isso se deve ao fato de as práticas pedagógicas e as estratégias de ensino e avaliação da aprendizagem estarem mais focadas em instrumentos escritos. A linguagem escrita é responsável por quase todos os encaminhamentos que são dados aos conteúdos programáticos, nos quais se utilizam vários recursos escritos, tais como os livros didáticos, apostilas, livros paradidáticos, slides, artigos científicos dentre outros materiais escritos, em detrimento aos recursos orais, como os debates orais, as dramatizações, as apresentações individuais e em grupos. Essa utilização exacerbada não garante uma aprendizagem potencial da linguagem escrita por parte dos alunos, pelo contrário, em muitos casos, percebe-se uma escrita por parte dos alunos considerada bastante frágil, não só dos alunos oriundos de instituições públicas de ensino, mas também os das instituições privadas, já que esses são avaliados por instrumentos formais e alcançam índices assustadores no que diz respeito à compreensão, à interpretação e à capacidade de argumentação a partir de material escrito, ou, por outro lado, chegam às universidades apresentando um potencial de compreensão da linguagem escrita muito reduzido, o que prejudica sua trajetória durante o curso caso não seja feita alguma intervenção. Nesse sentido, pode-se dizer que a escola está na contramão do ensino e da aprendizagem da linguagem, privilegiando estratégias e caminhos que não estão atingindo os objetivos propostos? Na verdade, seria muito cruel afirmar que a escola anda na contramão, mas não se pode assumir uma atitude, por vezes ingênua, de aceitar que se segue o fluxo ideal para aquisição e uso adequado da linguagem escrita e falada a cada situação vivida pelo sujeito. Dessa forma, não dá, então, para somente denunciar, mas, sim, buscar contribuições que possam

mudar ou, melhor dizendo, aprimorar as práticas e as estratégias pedagógicas usadas nas escolas especialmente.

Contextualizando os limites *operacionais* que a escola experimenta: recursos materiais, recursos humanos – professores, formação continuada dos professores, alunos.

As escolas, tanto públicas quanto privadas, têm diversos desafios a enfrentar para poder equacionar ensino e aprendizagem de qualidade. A falta de investimentos em recursos materiais e na formação continuada dos professores é um dos maiores desafios a ser superado pelas instituições de ensino, visto que essa superação demanda, além de políticas educacionais adequadas, muito compromisso e capacidade de transformação do já instituído por parte dos sujeitos envolvidos com a educação.

No que diz respeito aos recursos materiais referentes às práticas desenvolvidas para o aprimoramento da linguagem escrita e falada/oral, especialmente em muitas escolas públicas, têm-se problemas de infraestrutura em relação: às salas de aula que funcionam em prédios não muito apropriados com quadros em estado de conservação ruim, salas pouco iluminadas e com pouca ventilação, o que, em muitos casos, roubam a atenção do aluno, pois ele se sente incomodado; às bibliotecas, pois são poucas escolas que possuem esse recurso, e, quando possuem, nem sempre têm um acervo que atende à demanda apresentada pela comunidade escolar, embora, nos últimos anos, o MEC, por meio de muitos programas de incentivo à leitura, tenha enviando para as escolas públicas um acervo bastante significativo, porém ainda insuficiente; aos laboratórios de línguas que são um recurso que em muito contribui para o desenvolvimento da linguagem escrita e falada e que sua existência é uma raridade; à limitação dos espaços para o desenvolvimento de outras práticas pedagógicas diferentes das implementadas no espaço da sala de aula; além da escassez de alguns outros recursos tecnológicos que também facilitam o contato com os múltiplos recursos linguísticos disponíveis hoje.

Se os recursos materiais já configuram um entrave bastante significativo, o que pensar dos recursos humanos quando não atendem às necessidades apresentadas em termos de ensino e de aprendizagem? Poder-se-ia menosprezar como menos importante para que se conseguisse uma melhoria na qualidade da educação oferecida o pouco investimento na formação continuada do professor? O que dizer sobre a extensiva carga horária de trabalho do professor distribuída em muitas unidades escolares? E a pouca disponibilidade de tempo dos professores para se envolverem mais adequadamente com a proposta educacional das escolas às quais estão vinculados? São tantas as questões que interferem direta ou indiretamente na implementação de práticas pedagógicas e projetos educacionais que sejam mais significativos para professores e alunos durante sua trajetória profissional e escolar que é preciso buscar algumas alternativas que se revelem mais positivas.

Essa reflexão em torno das questões referentes aos recursos humanos permite supor que a formação continuada e em serviço do professor em seu *lócus* de trabalho - a escola - se configuraria como uma alternativa viável e de fácil implementação para que, por meio dessa formação com os demais professores e não só os da área de Língua Portuguesa, pudessem vislumbrar caminhos, alternativas, estratégias para se trabalhar a linguagem escrita e oral da Língua Portuguesa nas diversas disciplinas. Seria ingênuo deixar a cargo dos professores de Língua Portuguesa toda a responsabilidade sobre a construção e uso da linguagem, pois, para esses deve ficar o encargo de desenvolver os conceitos gramaticais e linguísticos mais específicos próprios dessa disciplina, enquanto os professores das demais áreas do conhecimento podem, e devem, contribuir para o aperfeiçoamento e a compreensão da linguagem nas múltiplas roupagens com a qual se apresenta e demanda algumas especificidades.

Quando o professor tem a oportunidade de desenvolver seu conteúdo de forma multidisciplinar e interdisciplinar com os demais professores, tendo tanto a linguagem escrita quanto a oral como principal eixo para a compreensão de conceitos, temas e questões, forma-se uma grande rede de ensino e aprendizagem articulada, na qual cada fio encontra-se ligado a outro fio, formando várias conexões que dão formato e sentido ao todo construído. Isso contribui para o

surgimento de um ensino e uma aprendizagem menos fragmentados e mais significativos. Daí a premência de se considerar a linguagem como patrimônio e responsabilidade de todos para que possa ser preservada, ampliada e enriquecida, dando sentido ao seu uso e à sua conservação.

Quanto aos alunos, percebe-se, com o advento e o *boom* da internet com suas redes sociais, que se comportam de forma bastante diferente na relação que estabelecem com a linguagem, tanto na sua versão escrita quanto na oral. Há um redesenho do modo como esses sujeitos comunicam-se por meio das redes sociais, criando uma nova versão, um *netcódigo*, da Língua Portuguesa, que vem se espalhando pelo mundo virtual e real e que precisa ocupar, também, um lugar de destaque na escola, até como estratégia e recurso que facilite a aproximação do aluno à linguagem formal, à norma culta. Partir dos Clássicos já não é tão eficaz para que o aluno se aproprie dos conceitos linguísticos, mas, talvez, seja preciso partir de seu próprio uso da linguagem para se chegar aos Clássicos e dar a eles um novo sentido. Seria injusto dizer que os sujeitos de hoje não leem, sobretudo os jovens, mas, justo perguntar-se de que forma estão lendo e se comunicando que, por vezes, parecem estar envolvidos em um emaranhado de códigos sem sentido. Seria mais prudente sustentar que o caminho escolhido por eles, muitas vezes, é outro e que merece ser observado, especialmente, por nós professores de todas as áreas do conhecimento. De que modo os professores poderiam aproveitar esse novo modo de ler, falar e escrever em prol de uma aprendizagem mais significativa que atendesse às expectativas do sujeito-aluno e da sociedade que espera uma resposta positiva da escola em termos de ensino e de aprendizagem? Que caminhos os professores podem buscar para usar essa linguagem coloquial em prol da linguagem culta e da comunicação nos seus diversos contextos e recursos linguísticos?

Aos professores é exigida uma visão holística da linguagem, que permite olhá-la de diversos ângulos e assim poder desfrutar, junto com seus alunos, da beleza que ela oferece. E não é somente pela beleza linguística que os sujeitos se apropriam da linguagem, mas pelo fato de ela contribuir para a sua inserção e interação nos diversos contextos com os muitos sujeitos que podem estar compartilhando espaços reais ou virtuais, abrindo os caminhos para a

emancipação pessoal e social de cada sujeito. Lerner (2008) afirma que ler e compreender o que se está lendo, é tirar *carta de cidadania no mundo da cultura escrita*. Tomando essa reflexão, é possível dizer que é tornar-se cidadão do mundo, no mundo e com o mundo, estabelecendo uma relação de cumplicidade que implica envolvimento e responsabilidade com esse mundo.

Kleiman (2000) fala do leitor experiente e de suas características que lhe permitem ocupar um lugar de destaque quando está perante um texto escrito, fala de sua intencionalidade, de sua capacidade de buscar outros caminhos e recursos para compreender a linguagem, para resolver questões postas. Nessa mesma linha de raciocínio da autora, de destacar a figura do que é mais experiente para mobilização de recursos que deem conta de seus objetivos, poder-se-ia pensar no professor como sujeito experiente capaz de mobilizar seus saberes teóricos e experienciais/práticos para levantar os meios que facilitem a aquisição da linguagem por parte do aluno, de modo a agregar saberes e também valores linguísticos que contribuam para a sua emancipação no mundo e com o mundo. Ser experiente não significa somente dominar todos os conteúdos e questões levantadas na sala de aula e fora dela, mas, pelo contrário, significa poder, também, usar esse conhecimento em prol da transformação dos contextos e sujeitos com os quais interage, nesse caso específico os professores como sujeitos experientes em relação ao conhecimento já construído e a ser construído no coletivo com os alunos, a sala de aula e a escola.

Em uma pesquisa feita em 2009 pela Secretaria de Educação de Petrópolis em 17 escolas da rede de ensino sobre o perfil dos mais de 300 professores dessas escolas em relação à leitura, constatou-se, a partir dos dados apresentados, que embora os professores considerem a importância da leitura para a ampliação do patrimônio linguístico e do patrimônio cultural do aluno, possibilitando a abertura de outros mundos e sua emancipação e inserção na sociedade de modo mais significativo, os professores, eles mesmos, não conseguem, em sua grande maioria, cultivar o hábito de ler justificando sua situação pelo alto custo dos livros e pela pouca disponibilidade de tempo. Tomando esses dados como referência e resgatando a leitura como um meio capaz de oferecer ao sujeito sua *carta de cidadania* (LERNER, 2008), como o professor usar com seus alunos o

discurso da leitura e da linguagem como instrumentos de aquisição de poder do sujeito se ele mesmo não consegue fazer desse instrumento um facilitador para enfrentar os desafios colocados no mundo do trabalho, abrindo caminhos que levem a sua própria emancipação? A linguagem escrita e a oral têm uma função social de comunicação do sujeito com o mundo no qual está inserido, contribuindo para o exercício pleno da cidadania na vida pessoal, acadêmica, profissional e social e ajudando na preservação do patrimônio cultural e histórico da humanidade.

Na verdade, a carga horária extensa dos professores e os baixos salários acabam influenciando diretamente no modo como conduzem o seu trabalho e como se aperfeiçoam, e, embora seja uma realidade tantas vezes citada, é preciso não desqualificá-la, pois, de fato, constitui um entrave. Muitas vezes, por terem sua carga horária extensa e distribuída em diversas unidades escolares, esses professores não conseguem ir além de práticas pedagógicas rotineiras, mesmo sabendo que existem tantas outras interessantes e que podem responder melhor às demandas do processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, esses outros caminhos exigem disponibilidade de tempo para planejamento e troca de saberes com os demais professores, potencializando um trabalho colaborativo entre os pares para poder transformar a própria prática e gerar conhecimento pedagógico (IMBERNÓN, 2009), aquisição e aprimoramento de referencial teórico em interlocução com o prático/experiencial, recursos financeiros, enfim, tudo isso requer, sim, um investimento pessoal e profissional por parte dos professores sem sombra de dúvida, mas, e especialmente, um investimento do poder público no profissional professor para que ele possa ampliar seus horizontes e promover um ensino e uma aprendizagem de qualidade que contribuam para sua emancipação e, também, a de seu aluno.

Possibilidades de trabalho e ampliação do conhecimento da linguagem nas instituições escolares em suas diversas roupagens.

Um termo bastante apropriado para esta reflexão sobre as possibilidades de trabalho e ampliação do conhecimento da linguagem nas instituições escolares

em suas diversas roupagens seria o termo repaginar, que é tantas vezes cunhado nos contextos relacionados à moda e à estética devido ao sentido transformador que carrega. Repaginar, no contexto linguístico, seria abrir-se a outros modos de ser e de apresentar-se da linguagem e que, em dado momento histórico, fizesse mais sentido para os que a usassem, levando-os a compreender sua complexidade e também sua simplicidade já que a linguagem é um patrimônio usado por toda a vida do indivíduo. Assim, como implementar essa repaginação na escola? Como ampliar o repertório linguístico dos alunos?

Partindo das diversas disciplinas que constituem o currículo escolar com suas próprias especificidades, poder-se-ia elencar um grande número de atividades, de estratégias de ensino, que poderiam ser desenvolvidas para se ampliar o conhecimento e o uso da linguagem de modo mais significativo. A construção e ampliação do repertório linguístico exigem do aluno o desenvolvimento de algumas habilidades e da capacidade de concentração, de memorização, de síntese, dentre outras, que o aluno adquire com as práticas escolares e ao longo de sua vida. Essa reflexão está focada no trabalho a ser desenvolvido pelos professores com alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio para aprimoramento da linguagem como eixo que liga todas as disciplinas e seus conteúdos. Ao falar da linguagem como eixo central para a compreensão dos muitos conteúdos apresentados, pode-se lançar mão dos recursos e estratégias usados, especialmente, em Língua Portuguesa enquanto disciplina curricular que tem a possibilidade de fomentar essa articulação. É necessária uma compreensão do texto escrito ou falado para que se possa aprender e apreender qualquer conteúdo apresentado nas diversas disciplinas – Ciências, Biologia, Física, Química, História, Geografia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Matemática, dentre outras disciplinas. Quando não há compreensão da linguagem, e, sim, apenas uma atividade de leitura mecânica do código linguístico, a interação e interlocução com o que está sendo veiculado não se estabelecem ou, de outro modo, se fazem de maneira muito frágil, dificultando um avanço em relação às temáticas apresentadas posteriormente. Muitos alunos ainda encontram-se no estágio da leitura mecânica, da decodificação. Daí se constatarem os baixos índices

apresentados nas avaliações feitas não só nas próprias escolas que, posteriormente, resultam também em índices assustadores quando essas avaliações são conduzidas por órgãos como o MEC, por meio do IDEB. Primeiramente, o aluno precisa apropriar-se da linguagem para poder, então, ao longo de seu desenvolvimento intelectual e acadêmico, se apropriar dos muitos conteúdos contidos nos programas que são parte do currículo. Nesse sentido, os professores responsáveis pelas disciplinas curriculares devem encaminhar seu planejamento de forma a atender às necessidades e especificidades da aquisição da linguagem escrita e falada, já que o aluno, em muitos casos, tem dificuldade para compreender essa linguagem. Quando essa dificuldade aparece, o aluno passa a ficar desmotivado, às vezes indisciplinado, e nem sempre o professor tem a possibilidade de detectar o problema logo de início para poder lançar mão de alguns recursos pedagógicos que possam ajudar na aquisição de algumas habilidades necessárias à leitura, de modo a abrir caminhos para que esse aluno compreenda o texto escrito ou falado e, aos poucos, consiga dialogar com ele a partir dos conhecimentos, saberes e experiências que já possui. A escrita e a leitura são práticas sociais que devem ser complexadas e ampliadas na escola para que cada sujeito, seja ele aluno ou professor, possa adquirir os instrumentos necessários a sua inserção e interação no mundo e com o mundo. É preciso levar o aluno a adquirir um repertório linguístico que o promova e o emancipe.

Um planejamento encadeado e articulado, construído pelos professores das diversas disciplinas, exige dos professores, também, um conhecimento do código linguístico para além de sua decodificação, que é a habilidade de leitura do grafema (letra) e fonema (som), que ajuda tanto os leitores iniciantes, como os leitores experientes a conseguirem ler palavras conhecidas e palavras novas. Na decodificação, o significado da palavra não é elemento essencial para que se façam a leitura e a repetição oral da mesma. Assim, diferentemente da decodificação, a compreensão implica um processo por meio do qual o leitor é capaz de construir o sentido do texto escrito e/ou falado a partir da relação que faz entre as informações impressas/escritas/faladas e seus conhecimentos prévios.

Nessa perspectiva de trabalho conjunto, implementando intervenções que se traduzam em aprendizagem, os professores, em suas práticas pedagógicas

diárias, precisam contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de leitores e de escritores competentes em seus alunos para que possam, enfim, entrar em completa intimidade com o texto, com as palavras, com os conteúdos apresentados, estabelecendo múltiplos sentidos e significados para sua própria vida pessoal, social e acadêmica.

O papel do professor nessa trajetória

- Ser referência de leitor e escritor competente, lendo e escrevendo para e com os alunos;
- Estimular as práticas de leitura diversificadas, integrando diversos conteúdos e temáticas, de modo a levar o aluno a estabelecer uma intimidade positiva com os mais variados tipos de texto, percebendo sua beleza estética, comunicativa, cultural, informativa, científica;
- Planejar e orientar as práticas de leitura e escrita, deixando evidente o propósito e a intencionalidade da atividade: aquisição de um determinado conteúdo, entretenimento;
- Promover reflexões sobre a importância da leitura e da escrita como formas de participação social e exercício da cidadania, contextualizando com situações da vida real;
- Valorizar e utilizar os conhecimentos prévios, acumulados, apresentados pelos alunos, levantando hipóteses, experiências, previsões e conhecimentos sobre o tema em questão, promovendo um debate oral;
- Usar estratégias, a partir da motivação apresentada pelo próprio professor para o tema abordado, que instiguem a curiosidade do aluno - “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2000, p.15).
- Desenvolver atividades que oportunizem aos alunos tornarem-se leitores e escritores competentes, criando hábitos de leitura e escrita para além do conteúdo curricular obrigatório a partir do contato direto e permanente com o mundo letrado.

Para que o aluno possa:

- Desenvolver a capacidade de interpretar e estabelecer significados referentes aos diferentes textos, criando e promovendo variadas

experiências, situações novas, que levem a uma utilização diversificada das múltiplas formas de linguagem e seu uso, apropriando-se dos conteúdos formais e não formais apresentados;

- Expressar seus sentimentos, comunicar suas ideias e pontos de vista, adquirir informações técnicas e científicas, aproximar-se das outras pessoas, de suas experiências e de suas culturas, narrando-se e sendo narrado por esses outros sujeitos com os quais interage no mundo real ou virtual;

- Dominar a diversidade de gêneros textuais, transitando com tranquilidade entre os diversos textos para poder dialogar com eles;

- Formular e responder perguntas sobre um determinado texto, identificando as palavras-chave e os pontos principais sobre o tema tratado;

- Formular hipóteses, previsões e consultar outras fontes de informação para enriquecer seu conhecimento por meio das associações e articulações feitas, exercitando, também, a intertextualidade;

- Mobilizar seus conhecimentos prévios e suas habilidades em prol da compreensão do que está sendo apresentado de forma escrita e oral;

- Construir o sentido geral do texto, das ideias apresentadas, e também construir e revelar os seus próprios sentidos, tornando-se autor e narrador do texto lido, considerando a multiplicidade polissêmica oferecida pelo próprio texto. O aluno-leitor tem a possibilidade de se tornar criador (VIGOTSKI, 1999).

**Algumas orientações aos professores para dinamização da leitura,
escrita e compreensão de textos escritos e orais pelos alunos em sala
de aula e na escola como um todo**

- Selecione o material a ser trabalhado com os alunos, considerando a qualidade textual, o propósito da leitura ou da escrita, as atividades a serem desenvolvidas, o tempo necessário ao cumprimento da atividade proposta;

- Encaminhe os objetivos da leitura e da escrita, fazendo um levantamento do que os alunos já sabem sobre o conteúdo a ser ministrado, isto é, do material que deve ser lido e escrito;

- Divida a turma em grupos, peça aos alunos para escreverem o que sabem sobre o tema e depois apresentarem oralmente;
- Examine o texto como um todo: título, subtítulo, ilustrações, tabelas, autor, gênero, etc. A partir disso, os alunos já terão uma ideia sobre o tema a ser abordado e construirão expectativas sobre o que será lido.
- Antecipe informações que o autor do texto pressupõe que os leitores conheçam, porém, muitos de seus alunos talvez desconheçam;
- Ajude os alunos a fazerem uma síntese do material trabalhado. Use diferentes técnicas de assimilação do conteúdo lido por meio da escrita: fichamento, resumos, palavras-chave, anotações, ilustrações, etc.;
- Faça uma avaliação do tema lido com os alunos, procurando identificar informações, conhecimentos científicos, valores, concepções e crenças que possam inspirar uma reflexão sobre o assunto. Essa prática ajudará os alunos a formar uma opinião sobre o assunto lido, desenvolvendo o senso crítico, a organizar suas ideias e comentários para apresentá-los de modo oral e/ou escrito;
- Estabeleça conexões com outros textos, livros, filmes, documentários, situações da vida real, cotidiana. Essas relações e associações ajudam na aprendizagem do conteúdo apresentado e também a despertar a vontade de saber mais sobre o assunto, pesquisando outras fontes de informação;
- Promova atividades orais e escritas como descrição, análise, interpretação e julgamento de valor sobre o conteúdo, o tema apresentado.

Atividades, técnicas e estratégias que podem ser desenvolvidas em todas as disciplinas e seus conteúdos específicos

- Implementar a leitura, a escrita e a reescrita de: carta, conto, poesia, notícias de jornal, receitas em geral, filmes, bilhetes, histórias em quadrinho, música, provérbios, *orkut*, *twitter*, *facebook*, *formspring*, *blog*, *slogans* publicitários, *outdoors*, frases, gravuras, mapas, gráficos, mensagens, livros, textos informativos e científicos;

- Fazer mímica; criar outros finais para a história lida – histórias reais e fictícias; desenhar sobre o que foi lido; elaborar maquetes, gráficos, cartazes, esquemas, mapas conceituais; dramatizar o conteúdo do texto; mudar o texto de gênero e linguagem; construir jogos, bingos, gincanas, caça-palavras, palavras cruzadas; completar lacunas em textos; ler imagens; oficinas; teatro; pesquisa documental e bibliográfica; excursão/ passeios orientados;
- Usar técnicas de ensino coletivo: exposição do professor, leituras orientadas e dinâmicas de leitura, demonstrações, projeções, debates, seminários, simpósios, Philips 66, dupla, painel, comissão, *brainstorming* (tempestade mental de idéias), júri simulado, mesa-redonda, experimentação, observação, ataque e defesa, grupo de verbalização – GV – grupo de observação – GO, discussão circular, entrevista, trabalho em dupla – cochicho, painel integrado e aulinha, diálogo, leitura - em voz alta, compartilhada, silenciosa, individual, dentre outras.

Considerando a utilização dessas atividades, estratégias e técnicas de ensino implementadas para o aprimoramento da linguagem escrita e oral de forma individual ou coletiva durante o processo de ensino e aprendizagem, o professor tem a possibilidade de apresentar o conteúdo disciplinar pelo qual é responsável e, também, estimular processos de colaboração, de liderança distribuída, de formulação de objetivos comuns, de flexibilidade, de aceitação, de inclusão, de acolhimento, de avaliação individual e coletiva, de emancipação dos alunos por meio do diálogo que estabelecem com os diferentes sujeitos e conteúdos.

JORNAL

- Escolha do tema ou temas;
- Pesquisa sobre o assunto;
- Seleção de alguns textos básicos;
- Debate sobre o tema, desenvolvimento da capacidade de análise, de síntese e do senso crítico;
- Definição de tarefas;
- Caça-palavras, carta ao leitor, anúncios, entrevista, poesia...;

- Produção-construção coletiva: escrita dos textos, gravuras-desenhos, *layout* gráfico;
- Avaliação e apresentação do produto final.

RODA DE LEITURA

- Atividade de leitura em sala de aula ou na biblioteca;
- Texto igual para todos os alunos ou textos diversos sobre a mesma temática;
- Textos com temáticas diferentes;
- Apresentação oral e/ou escrita do tema pelo(s) aluno(s) aos demais alunos, socializando o que aprendeu e recebendo contribuições do professor e dos outros alunos;
- Desenvolvimento da atividade com ou sem desdobramentos didático-pedagógicos;
- Ler pelo prazer de ler;
- Atividade a ser incorporada ao planejamento e à rotina da sala de aula.

SARAU POÉTICO/ CIENTÍFICO

- Atividade que envolve emoção, dramatização, oralidade, expressividade, amplia o conhecimento literário e o potencial cultural dos alunos, inclusive pode ser usado nas diversas disciplinas para além da Língua Portuguesa quando o professor quer contextualizar o momento histórico vivido, as descobertas científicas e seus reflexos na literatura;
- Trabalha o respeito e a valorização do outro, pois cada aluno e também o professor têm seu momento para expressar seu conhecimento.

STAND DE TEXTOS, LIVROS, FILMES, IMAGENS

- Disponibilização de materiais escritos: livros diversos, revistas e textos informativos, literários, científicos para que os alunos possam manuseá-los

e selecionar os de seu interesse e/ou de indicação feita pelo professor com ou sem desenvolvimento de atividades posteriores;

- Oportunizar o contato com material de boa qualidade que possa ampliar o repertório cultural do aluno.

FEIRA DE LIVROS

- Exposição de livros diversos sobre temas e gêneros textuais variados;
- Apresentação de palestras sobre temas específicos;
- Apresentação de atividades culturais/ científicas diversas.

TRIBUNA DE TEXTOS

- Atividade em que os alunos apresentam os livros lidos (textos) e defendem a sua indicação e o seu valor;
- Apresenta-se um resumo (sinopse) da obra até com inclusão de pequenos trechos que revelem e despertem a curiosidade para a temática.

JOGRAL POÉTICO E CIENTÍFICO

- Atividade oral, com declamação de poemas, de poesias, e apresentação de textos de conteúdo científico que são realizados de forma individual e/ou em grupo;
- Contribui para a articulação correta das palavras e para práticas cooperativas entre os alunos.

RECREIO LITERÁRIO/CULTURAL

- Desenvolvimento de atividades orais, escritas e de leitura, na qual poderão ser disponibilizados livros, jornais, letras de músicas, resumos de obras literárias, textos diversos;

- Desperta o gosto e o contato com materiais de boa qualidade literária e cultural;
- Contribui para a socialização e interação dos alunos, professores e de toda comunidade escolar.

LEITURA DE IMAGEM

•Atividade que envolve a leitura de figuras, gravuras, fotos, gráficos por meio da observação, descrição, análise, inferência e a interpretação que pode ser apresentada de forma oral e/ou escrita. Essa atividade contribui para a aprendizagem de diversos conteúdos, pois, após a visualização e exploração da imagem em seus diversos recursos visuais, o aluno parte para uma abordagem oral e/ou escrita do que foi lido por meio da imagem, facilitando sua compreensão e diálogo com o conteúdo apresentado.

CAFÉ LITERÁRIO/ CIENTÍFICO

- Atividade que envolve a leitura prévia de obras literárias, ou textos científicos, apresentação oral da obra/ texto, interpretação e debate;
- Lanche compartilhado durante a apresentação das obras, dos textos, para incentivar a interação entre os alunos e o professor.

CONCURSO DE LEITURA E ESCRITA

- Atividade em que há a avaliação da quantidade e da qualidade dos livros lidos e dos textos escritos;
- Leitura oral de textos e partes/capítulos de livros;
- Implementação da avaliação feita pela turma, tendo a participação de todos os alunos e do professor;
- Premiação.

SOLETRANDO

•Atividade que envolve todos os alunos, na qual o professor das diversas disciplinas poderá usar os termos e palavras próprias de determinado conteúdo; o professor poderá dividir a turma em dois grupos: um que seleciona o material linguístico a ser usado e faz a avaliação do desempenho dos demais alunos e o outro que vai soletrar as palavras e os termos escolhidos. Esses grupos trocam de função para que todos possam experimentar e ampliar tais aprendizagens de conteúdo curricular e de interação, contribuindo para o desenvolvimento de práticas cooperativas e para a formação de atitudes de respeito e valorização do outro.

BIBLIOTECA

- Visitas orientadas e com propósitos previamente definidos;
- Elaboração de mural indicativo de obras literárias com resumo feito pelos alunos;
- Contribui para uma aproximação do aluno com os diferentes materiais impressos;
- Amplia o universo cultural do aluno.

OFICINAS TEMÁTICAS

- Atividade que pode usar o mesmo tema/conteúdo segundo o tratamento dado a ele nas diversas disciplinas ou anos letivos na mesma disciplina;
- Envolve pesquisa, coleta de dados e informações;
- Amplia o conhecimento que o aluno já tem sobre o tema, seu repertório linguístico;
- Promove a interação entre os alunos e o professor da mesma classe e também dos demais.

Assim, por meio de práticas de leitura e escrita planejadas e orientadas, o aluno tem a oportunidade de ampliar e qualificar o seu patrimônio linguístico. A escola, a partir do trabalho dos professores, precisa oportunizar o desenvolvimento desse repertório, já que, como diz Soares:

É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2002, p. 6).

Reflexões finais

A aprendizagem da linguagem escrita e oral é um processo cognitivo que se realiza de modo diverso em cada indivíduo. Assim, considerando as peculiaridades e as especificidades de cada aluno-sujeito, faz-se importante que o professor lance mão de variados recursos pedagógicos e linguísticos durante a implementação dos conteúdos disciplinares, facilitando a compreensão dos temas apresentados. Embora o contexto da sala de aula e as exigências próprias do fazer pedagógico estejam repletos de desafios que se traduzem no cotidiano vivido por professores e alunos ao partilharem uma ação conjunta que envolve o ensinar e o aprender, cabe ao professor, enquanto profissional responsável pela aprendizagem dos alunos, dinamizar suas aulas utilizando-se de todos os recursos disponíveis, com objetivo de fazer com que cada aluno-sujeito aprenda significativamente segundo suas possibilidades e potencialidades.

A condução de um processo de ensino e aprendizagem eficaz quando de sua aplicabilidade e funcionalidade e também adequado às exigências de cunho social, cultural, pessoal, profissional, econômico e intelectual de todos os envolvidos, dependerá do trabalho sistematizado – crítico-reflexivo - desenvolvido pelo professor, especialmente no que se refere ao planejamento, aos objetivos e à implementação dos conteúdos disciplinares/conceituais (teóricos e práticos), procedimentais (habilidades) e atitudinais (valores), à avaliação e ao valor dado a todo esse processo de ensino e aprendizagem, com vistas à emancipação dos professores e dos alunos, interagindo por meio da linguagem aprendida e apreendida.

Parafraseando Ayres (2008) e acrescentando algumas contribuições, pode-se dizer: O professor que lê, que planeja suas aulas com critério e com objetivos

bem definidos, que pesquisa, que desenvolve atividades colaborativas, que se compromete com a aprendizagem de todos os alunos, buscando caminhos que valorizem suas potencialidades e respeitem suas dificuldades, que dialoga, que interage com todos os alunos, notadamente ensina bem e melhor, cumprindo, assim, o seu papel de professor e também de educador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AYRES, Antônio Tadeu. **A prática pedagógica competente: ampliando os saberes do professor**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: teoria & pratica**. 7. ed. Campinas,SP: Pontes, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2000.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

VIGOTSKI, L.S. **A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.